

## Mimesis e Intolerância: Dialética da exclusão e cotidiano escolar

RITA DE CÁSSIA LANA\*

### Introdução

Sob muitos aspectos, a educação constitui-se como uma ação do sujeito no sentido de realizar suas potencialidades, concretizando-as como expressão através dos mais diversos sentidos e meios. Assim, configura-se como uma elaboração hermenêutica do mundo pelo sujeito, mediada pelas relações com outros indivíduos e pelas experiências de caráter interior/exterior ao sujeito. A produção da realidade pelo filtro subjetivo não seria passível de duplicação, pois a combinação das variáveis envolvidas no processo de formação do indivíduo - o que vulgarmente chamamos de processo educativo - remete a um número infinito de possibilidades. Daí derivam (embora não exclusivamente) as dificuldades que surgem na busca de denominadores comuns educacionais e intersubjetivos, aporia típica da tradição filosófica ocidental.

Da observação de práticas cotidianas escolares, com as quais a autora teve contato por um período de quatro anos de magistério no ensino fundamental II e médio<sup>1</sup>, além do convívio com discentes do curso de graduação em pedagogia da UNICAMP na mesma época – a saber, início da década de 1990 – surgiram inquietações que conduziram a esta investigação de caráter teórico-exploratório (se for lícito qualificar assim), cujo cerne poderia ser resumido à questão: por quê o discurso disseminado em instituições escolares entre pedagogos e docentes de várias áreas, sobre como estimular nos educandos o convívio com as diferenças, o respeito mútuo e as práticas democráticas parecem surtir poucos resultados na convivência e na formação de crianças e adolescentes?

Justifica-se a questão pelo aparente paradoxo implicado pela definição dada no início deste texto e o que foi constatado na realidade escolar no caso citado – desde

---

\* Docente da UFSCar – *campus* Sorocaba; bacharel e licenciada em História e doutoranda do Programa de Pós-graduação em História Social / Departamento de História da FFLCH-USP.

<sup>1</sup> No período em questão, a autora lecionou em escolas públicas da rede estadual as disciplinas de Educação Moral e Cívica, História, Geografia e Organização Social e Política do Brasil (O.S.P.B.),

aquela época já se falava em assédio na escola entre os estudantes (o que atualmente é qualificado como *bulling*); como pode-se compreender que na formação da criança e do jovem, futuros agentes sócio-políticos, seja produzida a antítese do que se preconiza como finalidade da ação educativa?

Em outras palavras, quais seriam as razões do surgimento da intolerância à diferença, à individualidade do Outro, do autoritarismo precoce no processo formativo-educativo institucionalizado? Como entender esta dialética da exclusão, em suas raízes menos evidentes? É com este intuito que seguem algumas observações e reflexões sobre as dinâmicas comportamentais observadas.

### **Imitação e sobrevivência: notas conceituais em um percurso histórico**

Já em Aristóteles pode ser rastreado um projeto educativo que deveria conduzir o indivíduo ao desenvolvimento de certas características (virtudes), as quais por sua vez permitem-lhe compreender eticamente os processos de escolha do melhor curso de ação em diferentes situações, visando um objetivo final que é definido como “*eudaimonia*”<sup>2</sup>; também é possível identificar na teoria epistemológica do Estagirita a elaboração de certos dispositivos mentais necessários para realizar a passagem da *δυναμις* (dinamis, potência) para a *ενεργεια* (energia, ato) enfatizando determinados mecanismos de produção de idéias (pensamento analógico, rememoração dos dados, entre outros)<sup>3</sup>.

Em tal quadro, a imitação (*mimesis*) desempenha papel essencial para que seja atendida a necessidade humana de estabelecer ordem ou encontrar padrões na

---

<sup>2</sup> “[...] καὶ τῆς εὐδαιμονίας χάριν, δια τούτων υπολαμβάνοντες εὐδαιμονήσειν.” ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. Livro I, 1097b. (edição de J. Bywater, Aristotle; *Ethica Nicomachea*. Oxford, Clarendon Press. 1894). Tradicionalmente, o vocábulo transliterado “*eudaimonia*” é traduzido por “felicidade”; entretanto, para tentar evitar anacronismos e projetar valores contemporâneos no texto do autor, deve-se lembrar que outros estudiosos da obra do Estagirita preferem adotar a tradução “vida boa”, i.e., que seria digna de ser vivida e na qual se adotariam valores capazes de conduzir a uma existência pautada por virtudes e ações coerentes com este objetivo.

<sup>3</sup> “[...] Quando, então, rememoramos, (...) vamos à caça do consecutivo também, tendo pensado a partir do agora ou de uma outra coisa, isto é, do semelhante, do contrário ou do próximo. Por meio disso se produz a rememoração”. ARISTÓTELES, *Da lembrança e da rememoração*. ΠΕΡΙ ΜΝΗΜΗΣ ΚΑΙ ΑΝΑΜΝΗΣΕΩΣ (451b, 18-21).

natureza, configurando a relação de conhecimento. Por outro lado, também é bastante conhecida a opinião do filósofo sobre como a mimesis constitui-se em um fundamento da ação dramática<sup>4</sup>, tornando possível tanto a crítica deletéria (comédia) quanto a exaltação trágica, gerando um efeito catártico de riso ou de choro, liberando emoções no espectador; portanto, existiria um instrumento de cognição<sup>5</sup> capaz de transitar em dois âmbitos distintos: razão e paixão.

Desta maneira, um desdobramento possível da teoria aristotélica é que o objetivo da educação consiste em afinar as capacidades do indivíduo, exercitando-as e ampliando seu alcance para possibilitar a opção pelo melhor curso de ação em cada caso; trata-se de uma tentativa de unir princípios e casuística na construção da subjetividade, entendida aristotelicamente como caráter.

A importância que a mimesis adquire na aquisição do conhecimento já foi discutida anteriormente; no caso da educação<sup>6</sup>, ocorrem aspectos específicos que não podem ser ignorados, dadas as conseqüências sócio-políticas geradas pelo processo em questão.

Seguindo a linha de análise aberta por Kant e depois desenvolvida por Piaget, deve-se notar que existem capacidades ou habilidades que permitem ao indivíduo aprimorar o conhecimento sobre si próprio, processo que foi descrito pela epistemologia genética, com algumas formulações tentativas de avanço da teoria empreendidas por Kohlberg<sup>7</sup>, quanto ao desenvolvimento da moralidade nas crianças.

De acordo com a teoria de Jean Piaget, o aprendizado da criança ocorre pela dinâmica de desequilíbrio-equilíbrio das estruturas cognitivas internas ao indivíduo; tal processo, denominado assimilação/acomodação, é o responsável pelo

---

<sup>4</sup> Como aparece descrito na Poética, *passim*. ARISTÓTELES, *Poética*. edição de J. Bywater.

<sup>5</sup> Se para simplificar essa análise da função da *mimesis* optou-se pela restrição aos dois aspectos mencionados, isto não significa que os mesmos esgotem as possibilidades da imitação como ferramenta para o conhecimento; simplesmente ocorre que o escopo deste trabalho não comporta uma descrição exaustiva das operações cognitivas em que a mimesis participaria, pois tal nível de detalhamento levaria a uma tese no campo da epistemologia, ultrapassando as pretensões aqui presentes.

<sup>6</sup> Vide TREVISAN, A. L. *Filosofia da educação – mimesis e razão comunicativa*.

<sup>7</sup> Não serão abordadas aqui as conclusões sobre o papel do gênero nestas etapas de desenvolvimento do indivíduo, como foi postulado por C. Gilligan. Para outras referências, vide “In a different voice”, obra mais conhecida da autora.

desempenho das ações realizadas pela criança em resposta às suas necessidades e aos estímulos provenientes do mundo exterior.

Interessa examinar no quadro epistêmico acima esboçado, de que tipo de dispositivos lança mão o sujeito para proceder à acomodação e concluir aquilo que Piaget chamou de adaptação; neste caso, é pertinente lembrar a existência do comportamento mimético como um dos recursos de maior aplicação nos processos de aprendizagem, extrapolando a infância e apresentando desdobramentos conceituais mais extensos do que habitualmente se perceberia.

O conceito de mimesis, tantas vezes invocado pelos críticos de arte, teóricos de estética, filósofos, psicólogos e pensadores de maneira geral, apareceria em algumas vertentes pedagógicas quando da análise de um comportamento inicial da criança que imita o adulto; contudo, na maior parte das vezes, as teorias educacionais assumem que esta seria uma etapa de heteronomia do indivíduo, a ser superada pelo amadurecimento das estruturas cognitivas da mente, esquecendo-se de que a imitação permanece na base da ação autônoma por que possibilita diversas operações mentais de cognição, a começar pelo desenvolvimento da lógica. Na própria relação de igualdade ou identidade ( $a = a$ ) já está embutido um sentido de cópia, da possibilidade de que algo ou alguém seja semelhante, se não na totalidade, pelo menos em termos; daí poder-se-á inferir que no cerne da atitude mimética reside um julgamento de si mesmo e do mundo; um juízo que compara, analisa e que estabelece uma categorização entre o que lhe é próprio e o que é estranho: trata-se do fundamento da noção primeira do Eu e do Outro.

Ora, como é bem conhecido pela história da filosofia ocidental, já desde Platão e Aristóteles (para não recuar muito no conceito) discute-se pelo menos dois aspectos essenciais da mimesis, a saber: um aspecto "denotativo" e um aspecto "conotativo", o primeiro referindo-se àquela noção de cópia do objeto que aparece na obra de Platão<sup>8</sup> e que é inferior ao modelo da natureza, e o segundo referindo-se à noção de recriação do objeto imitado pelo sujeito, enriquecida pelas nuances psicológicas do interior do indivíduo.

O que parece ter sido deixado em segundo plano pelos teóricos do comportamento infantil é que a distinção dos aspectos da imitação que ocorre na teoria torna-se difícil de ser verificada na prática; de fato, quanto mais sofisticada nos parece a

---

<sup>8</sup> PLATÃO. *A República*. Livro X.

imitação realizada por um comediante, um ator ou outro artista, tanto maior o grau de contribuição da subjetividade deste na elaboração da cópia; o mesmo ocorreria com a criança, e por vezes com um elevado nível de liberdade de interpretação daquilo que é exterior à ela, o que é geralmente decodificado como "criatividade". De novo aparece um aspecto cognitivo lógico precoce, pois onde o adulto enxerga uma relação necessária, a criança vê o reino do possível.

Acontece que a partir de determinada idade, a sociedade obriga que seus jovens membros sejam educados em instituições de ensino reconhecidas oficialmente; e, na atualidade, boa parte das famílias recua a faixa etária em que colocam seus filhos em creches, escolinhas infantis ou "maternais" para a mais tenra idade, compelidos pela sistemática do mundo do trabalho contemporâneo<sup>9</sup>.

O sistema educacional, seja ele estatal ou particular, laico ou religioso, apóia-se em concepções éticas de indivíduo que constituem o ideal a ser perseguido na trajetória pedagógica do educando; esta base converte-se em currículos, conteúdos formativos e informativos, competências de funções dentro da escola, etc.

Dentro do sistema educacional, o comportamento imitativo inicialmente é estimulado nas crianças: devem aprender imitando os mais velhos, copiando as atitudes que permitem a "autogestão" de si mesmas (ir ao banheiro, vestir-se, alimentar-se, deslocar-se com segurança, etc.); porém, este tipo de imitação constitui comportamentos onde a liberdade de expressão do subjetivo é mínima, pois trata-se de ações fortemente marcadas pelo aspecto denotativo da mimesis. Assim, o comportamento mimético que interessa estimular no ambiente institucional escolar é aquele que uniformiza os indivíduos em suas ações, permitindo o controle do coletivo por um indivíduo ou por poucos (professor, bedel, monitores, inspetores, diretor e assim por diante).

O cotidiano da vida escolar é rico em situações de repressão<sup>10</sup> às criações individuais, a despeito de todo o discurso acadêmico em prol do estímulo à criatividade na escola; em geral, tais discursos preconizam soluções de caráter metodológico ou técnico, esquecendo que o âmbito da ação humana extrapola tais soluções por que é

---

<sup>9</sup> É o caso das chamadas instituições educacionais de "0 à 6", nomenclatura que se refere à idade dos educandos.

<sup>10</sup> Vide Freinet, Foucault e outros teóricos sobre o papel da escola na sociedade disciplinar.

intrinsecamente ético-estético-político. Tudo se passa como se a classificação aristotélica do conhecimento funcionasse efetivamente na prática e fosse possível aos indivíduos compartimentar a si próprios e às suas ações. (Sem esquecer que o próprio filósofo advertia que o tratamento compartimentado do conhecimento se dava por razões didáticas, mas que tal divisão não se dava em termos reais).

Para agravar este quadro, muitas vezes percebe-se que o conteúdo formativo presente na maneira pela qual os educandos são tratados pelos educadores é ou explicitamente negligenciado (instituições com enfoque exclusivamente técnico), fornecendo o campo fértil para o surgimento de todo tipo de valores indesejáveis e sabotando o modelo ético de indivíduo que se deseja produzir<sup>11</sup> ou imposto via legislação e/ou dirigentes da instituição aos demais membros (adquirindo o sabor artificial de uma obrigação que se cumpre sem convicção), o que gera um estímulo ao comportamento social que poderia ser descrito como "esquizofrênico"<sup>12</sup>, ou ainda o caso mais comum, em que a impessoalidade da instituição acaba por deixar a responsabilidade de fornecer um modelo ético aos educandos a cargo de cada educador<sup>13</sup>.

Neste último caso podem dar-se duas situações pelo menos: o educador que quer se esquivar da responsabilidade de fornecer um exemplo de padrão ético de comportamento (em geral são aqueles que compartilham o discurso de que tal tarefa seria exclusiva da família ou da religião), o que não é possível, pois na medida em que qualquer maneira de agir, inclusive a não ação constitui um padrão de comportamento; e aqueles que assumem a árdua tarefa de transmitir valores aos educandos da maneira mais difícil, porém a mais eficaz: o exemplo.

Aqui outra vez surge o papel desempenhado pela mimesis nos processos de formação do indivíduo, porque é impossível ignorar os aspectos afetivos da educação, e de como os sentimentos despertados nos educandos pela projeção da

---

<sup>11</sup> Isto é, supondo-se que a instituição educacional tenha clareza (ou seja, que todos seus integrantes tenham ao menos conhecimento) do modelo ético que se deseja seguir. Na maior parte dos casos, tal questão nem se coloca.

<sup>12</sup> Os educandos acabam por captar o comportamento inautêntico de seus educadores, que muitas vezes deixam claro através de ações cotidianas suas divergências de valores com a instituição, estimulando a desobediência e a marginalidade. Daí o paradoxo: o sistema disciplinar da escola sofre um curto-circuito provocado pelas ações de seus próprios membros, gerando delinquência onde deveria produzir "corpos dóceis".

<sup>13</sup> Como é o caso das instituições estatais ou cujo porte dilui as relações através da burocracia.

relação paterna no educador encontram sua sublimação no desejo de copiar as atitudes do professor<sup>14</sup>.

O guia do educando é o educador; de início todas as possibilidades são boas, tanto faz brincar de mocinho ou de bandido, pois para o indivíduo que ainda não definiu sua identidade nenhuma ação é melhor ou pior que outra, nem certa ou errada - cabe ao guia apontar os riscos e ajudar o herói a passar de sua heteronomia frente ao mundo a uma autonomia diante de si mesmo.

Portanto, em pelo menos dois pontos cruciais no processo educacional o papel da mimesis parece ser decisivo, ainda que nada tenha sido dito acima sobre o aspecto sedutor presente na relação da sala de aula, onde a imitação que tem raízes na afetividade se encontra com a sedução nascida do exercício do poder e da liderança do educador frente aos educandos.

Retornando à teoria piagetiana, poder-se-ia propor uma leitura do mecanismo de adaptação cognitiva como uma atitude de abertura ao mundo pela via da imitação; na formação da identidade pessoal é preciso primeiro experimentar modos diferentes de ser - em outras palavras, começar sendo “Outro” para no fim saber quem sou “Eu”. Neste jogo da personalidade em formação existem infinitas possibilidades, porque definir-se como sujeito é delimitar-se diante do mundo e a mimesis representaria a própria embriaguez da dissolução do eu - trajetória de perigos que necessita de um guia para chegar a bom termo- assim o expressam os mitos, entre eles o de Odisseu frente às sereias<sup>15</sup>.

### **Alguns aspectos contemporâneos da intolerância na formação dos indivíduos**

Haveria ainda mencionar um terceiro aspecto da mimesis na educação, talvez o mais negligenciado dentro do processo educativo: o desenvolvimento da atitude de tolerância no convívio social.

---

<sup>14</sup> É comum ouvir de profissionais bem conceituados que escolheram exercer determinada atividade porque tiveram algum professor que os estimulou para isso (entenda-se: com o qual ele mantinha uma relação afetiva).

<sup>15</sup> Processo bem descrito e comentado na obra “Dialética do Esclarecimento”, de T. W. Adorno e M. Horkheimer.

Aqui pode-se evocar as críticas milleanas<sup>16</sup>, pois o que se estabelece na instituição educacional contemporânea é uma reprodução da dinâmica social na qual a escola está inserida; a pressão que é exercida sobre os sujeitos em formação para que estes desistam de sua autonomia em troca da integração e aceitação no grupo permanece alojada nas relações intersubjetivas dentro da escola. Esta é uma tônica que percorre as instituições em todas as faixas etárias; do maternal à universidade, a mensagem é sempre a mesma: desista de si mesmo, da diferença criadora do novo e faça parte do Mesmo.

Nos menores procedimentos cotidianos isto se verifica; o prêmio, via de regra, vai para quem reproduz com maior fidelidade um modelo aceito, e o castigo, ou ainda pior, o estigma da marginalidade para os que ousam outras respostas. Por tais razões o discurso da tolerância democrática na escola cai no vazio; ele é desmentido a todo o momento, não com palavras, mas por algo que tem mais força: exemplos de comportamento intolerante.

Pode-se quebrar o círculo vicioso da identidade intolerante? Pois ele cerca os indivíduos por todos os lados, a tirania da opinião tem seus paladinos em todos níveis; a censura ao Outro parte não só da diretora, da coordenadora, do corpo docente, mas também dos pais, dos funcionários, dos discentes: são micropoderes, como bem os descreveu Foucault, que se reificam incessantemente, se engendrando em uma dialética que exclui justamente no espaço onde deveria ser vivenciada a liberdade.

O impacto desta realidade pode ser sentida no corpo social como um todo, mas aparece particularmente em épocas nas quais os indivíduos são chamados a atuar como cidadãos: falta de opinião política, apatia, desinteresse pelos destinos da comunidade. Mas pode-se esperar outra coisa de quem foi sistematicamente desestimulado a confiar no próprio julgamento, a abrir mão de sua experiência em favor do modelo alheio?

É bom lembrar que a sobrevivência da democracia, não apenas como instituição política, mas como conceito moral depende da existência de pluralidade de valores, dos pontos de vista diversos que devem ser colocados em pela argumentação;

---

<sup>16</sup> John Stuart Mill, tanto em sua obra “Utilitarianism”, quanto em “On liberty” faz críticas contundentes aos constrangimentos que seriam exercidos sobre o indivíduo e seu direito à cultivar expressões de sua individualidade por diferentes dispositivos sociais – entre eles, concepções de educação reducionistas das dimensões humanas; neste sentido, veja-se também a obra de Herbert Marcuse, “O homem unidimensional”.

se a pretensão é procurar um consenso entre interesses, é necessário supor que a dissensão, enquanto posição defendida por argumentos válidos é *conditio sine qua non* para que a sociedade seja impulsionada a modificar-se.

Esta forma de encarar o problema não é recente, pois como foi mencionado acima, John Stuart Mill já havia expressado sua preocupação com os males que poderiam ser ocasionados pela “tirania da opinião da maioria”, que para aquele autor conduziria a sociedade a uma estagnação e perda das liberdades individuais.

Contudo, se na época de Mill já se pensava na questão da formação de opinião, nas sociedades contemporâneas toda a problemática que envolve a comunicação interpessoal parece ter como referência o uso de tecnologias cada vez mais poderosas e abrangentes, aproximando-se daquele conceito de “aldeia global” proposto por McLuhan. Haveria no horizonte um vislumbre de uma sociedade única, sem diferenças culturais, sociais ou mesmo políticas – em suma, uma utopia totalitária oculta sob a égide da globalização.

### **Considerações finais**

Não há dúvida de que um meio legítimo para que se produzam agentes políticos responsáveis (isto é, cidadãos) dentro da tradição democrática continua sendo a educação, no intuito de cultivar aqueles traços característicos da noção de pessoa postulada, por exemplo, pela ética discursiva, juntamente com os valores que subjazem a eles: tolerância, altruísmo, compreensão mútua e responsabilidade solidária.

Mas a educação é uma tarefa que não se limita apenas no círculo da família e das instituições escolares; ela se realiza no âmbito da sociedade, quando a ação de educar pode se converter, pela comunicação pública, em doutrinação religiosa ou política, em persuasão pela retórica da propaganda, etc.

Assim, uma das questões a ser enfrentada por uma pedagogia proposta a partir de princípios éticos/estéticos discursivos seria a da homogeneização de valores e o desaparecimento da diversidade cultural, em função da crescente difusão da

informação produzida a partir de um padrão de cultura que se impõe aos demais pela via das tecnologias de comunicações.

Entendido em sentido amplo, o educar é passível de ocorrer também através dos meios de comunicação, que podem contribuir para a formação do indivíduo, seja ela boa ou má. Desde a Grécia antiga, quando os sofistas dominavam o uso da palavra, sabe-se muito bem que a retórica pode ser usada para fins justos ou injustos; o problema hoje é que o uso público da palavra, a comunicação em suma, se tornou algo muito complexo e que envolve interesses estratégicos difíceis de serem apreendidos, pois muitas vezes nem sequer são claramente identificáveis.

Para concluir, parece oportuno que se reveja a advertência de um dos autores mencionados neste trabalho: "*Aquele que deixa o mundo, ou a parte do mundo a que pertence, escolher o seu plano de vida em seu lugar, não necessita de nenhuma faculdade a mais que a imitação simiesca*". (MILL, 1991:100)

## Referências bibliográficas

ADORNO, T. W. , HORKHEIMER, M. *Dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.

\_\_\_\_\_. *Teoría estética*. Madrid: Taurus ediciones, 1986

ARISTÓTELES. *Da lembrança e da rememoração*. (ΓΙΕΠΙ ΜΝΗΜΗΣ ΚΑΙ ΑΝΑΜΝΗΣΕΩΣ). Tradução, notas e comentário de Cláudio Veloso. Campinas: CLE/Unicamp, Série 3, v. 12, nº especial, janeiro/dezembro de 2002.

\_\_\_\_\_. *Ética a Nicômaco*. Livro I, 1097b. edição de J. Bywater, Aristotle; Ethica Nicomachea. Oxford, Clarendon Press. 1894

\_\_\_\_\_. *Poética*. edição de J. Bywater, Aristotle; Ethica Nicomachea. Oxford, Clarendon Press. 1894

DUARTE, R. *Teoria Crítica da Indústria Cultural*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

\_\_\_\_\_. *Mimesis e racionalidade*. São Paulo: Loyola, 1993.

FOUCAULT, M. *Vigiar e punir*. 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

\_\_\_\_\_. *La verdad y las formas jurídicas*. Barcelona: Gedisa, 1998.

\_\_\_\_\_. *Tecnologías del yo y otros textos afines*. Barcelona: Paidós / I.C.E.- U.A.B.

JACKSON, J. *A guided tour of John Stuart Mill's Utilitarianism*. CA: Mayfield P. Company, 1993

- MATTÉI, J.F. Civilização e barbárie. *Revista Filosofia Política - Ética e estética*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001. Série III, nº. 2. pp. 73-85
- MCLUHAN, M. *A galáxia de Gutemberg: a formação do homem tipográfico*. Ed. da Univ. de São Paulo. Tradução: Leônidas Gontijo de Carvalho e Anísio Teixeira. 1969.
- MILL, J. S. Sobre a liberdade. Petrópolis: Vozes, 1991.
- \_\_\_\_\_. O Utilitarismo. São Paulo: Iluminuras, 2000.
- OLIVEIRA, M. A. *Ética e racionalidade moderna*. São Paulo: Edições Loyola, 1993
- ORTEGA Y GASSET, J. *Meditação da técnica: vicissitudes das ciências, cacofonia na física*. Rio de Janeiro: Livro Ibero-americano, 1963.
- ORTIZ, R. *Cultura brasileira e identidade nacional*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1985
- PLATÃO. *A República*. Trad. Maria Helena da Rocha Pereira. 2. ed. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1993
- RADNITZKY, G. *Escolas contemporâneas de metaciência*. 2ª edição. Estocolmo: Scandinavian University Books, 1970.
- SPAEMANN, R. *Felicidade e benevolência*. Ensaio sobre ética. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- TREVISAN, A. L. *Filosofia da educação – mimesis e razão comunicativa*. Unijuí, 2000
- WEBER, M. *El problema de la irracionalidad en las ciencias sociales*. 2ª ed. Madrid: Tecnos, 1992